

Sônia Gabriel



Mistérios do Vale



Histórias que o povo conta no Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e Litoral Norte Paulista

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2016



EDITORA PENALUX
Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260
penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

3ª edição

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Pércila Márcia da Silva

ARTE/CAPA
Adelmo Rochinski

FINALIZAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G117M GABRIEL, SÔNIA MARIA DA SILVA. 1971 -
MISTÉRIOS DO VALE: HISTÓRIAS QUE O POVO CONTA NO VALE
DO PARAÍBA, SERRA DA MANTIQUEIRA E LITORAL NORTE
PAULISTA/ 3ª EDIÇÃO - SÔNIA MARIA DA SILVA GABRIEL. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2016.

174 p. : 23 cm.

ISBN 978-85-5833-050-3

1. PESQUISA, ESTUDOS REGIONAIS 2. FOLCLORE LOCAL
3. HISTÓRIAS DO VALE 4. LENDAS, MITOS, FÁBULAS E "CAUSOS"
I. TÍTULOS.

CDD B869.934

Índices para catálogo sistemático:

1. Histórias do Vale

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



Rio Paraíba do Sul, em Guararema.

Nasce o Vale...

Os tupinambás olhavam para a Natureza e lá estava Monan. Monan criou o céu, a Terra e os animais. Ele viveu entre os homens; os homens viviam em paz, com cordialidade e harmonia. Mas houve o tempo em que se macularam, deixaram de ser amigos da paz, da cordialidade e da harmonia; deixaram de ser justos e a bondade se afastou. Monan entristeceu-se e retirou-se da presença do ser humano. Tomado de ira mandou fogo sobre a Terra e quase tudo nela pereceu. As chamas alastraram-se na superfície terrestre, até então plana, e a terra retorceu-se em dor. Seu sofrimento enrugou a planície criando montanhas e abismos.

O único sobrevivente Irin-magé foi acolhido por Monan e suplicando pela humanidade aplacou a ira divina, implorou para que a Terra fosse repovoada e o deus lhe atendeu enviando um dilúvio, o primeiro, para acalmar as chamas. Todo o sofrimento provocado pelas chamas transformou-se em cinzas lavadas pelo dilúvio que purificou a terra entre as serras. Monan criou uma mulher para o sobrevivente e eles recriaram a humanidade. Dessa união nasceu Maire-monan, um semi-deus, com poderes semelhantes a Monan, que criou os animais e ensinou o plantio da mandioca, e o uso do fogo.

Mesmo com tantos benefícios divinos, a humanidade voltou a reclamar e magoaram, dessa vez, Maire-monan, acusando-o de feitiçaria. Para enredá-

lo, fizeram-lhe uma armadilha convidando-o a passar por três fogueiras sem queimar-se. Maire-monan aceitou o desafio. Ele passou pela primeira fogueira; na segunda, grandes labaredas o envolveram e ele foi consumido pelas chamas que explodiram sua cabeça e dela surgiram raios e trovões que provocaram o segundo dilúvio. Passado o tempo das águas violentas, apareceu no céu uma estrela resplandecente. A estrela era parte do corpo de Maire-monan que explodiu e que ficou no céu.

Mais uma vez a Terra renasceu! De Maire-monan descenderam dois seres humanos. A tribo em que viviam observava as fortes diferenças entre os irmãos. Tamendonare era um homem bom e amigo da paz. Ariconte era arrogante, amigo da guerra e com o coração cheio de inveja; ambicionava escravizar toda a tribo em que vivia. Apesar da bondade do irmão, as pendengas entre os dois homens cresciam com o passar do tempo até que um dia Ariconte afrontou seu irmão dentro de sua morada, Tamendonare levantouse e golpeou o chão com o pé e da rachadura brotou um fino veio de água que rapidamente se tornou um jorro d'água, e num instante o chão de toda a tribo rachou-se subindo à tona um verdadeiro mar, o terceiro dilúvio.

E mais uma vez a terra se reconstrói, depois das águas, reaparecendo morros, serras, estreitos, e o Vale.

Lenda da Capelinha de Santa Cruz

“Zaluar fala da existência, perto da povoação, para o lado do Paraíba, de uma capela chamada de Santa Cruz. (...) Antigamente, todos os anos, no dia de Santa Cruz, a capelinha abria as suas portas e, então, o seu altar era enfeitado com flores silvestres, o seu pateo era engalanado com bandeirinhas de papel de seda de todas as cores e uma grande caieira iluminava durante três dias e três noites as mansas águas do nosso rio maior, que correm lá embaixo!...”

A capelinha desapareceu na voragem do tempo, mas a sua história ainda perdura na memória dos descendentes dos valentes bandeirantes e tropeiros que devassaram, séculos atrás, o Vale do Paraíba.

Contam os antigos que, em tempos idos, quando São José ainda estava em embrião, nas noites de sexta-feira aparecia “alma penada” ou “demônio”

de duas caras de fogo a atormentar a boa gente que morava no lendário porto, e as velhas beatas acendiam círios bentos e queimavam enxofre para afugentar o fantasma.

(...)

Nessas noites, ouvia-se um estrondo medonho lá do alto da campina de Santana e o espectro não tardava a aparecer nas proximidades do local onde, mais tarde, se edificou a capelinha. Ali parava alguns instantes e, os mais ousados, viam-no tomar o caminho do rio, embrenhar-se pela mata, voejar pela superfície das águas, depois voltar ao lugar onde aparecia, soltar um grito terrível que fazia arrepiar os cabelos do mais valente, tremer as crianças, arrancar da boca das velhas a frase sacramental: - “Eu te esconjuro, figa rabudo, cruz credo...!” E... pernas prá que quero.

Alguns chegavam até a afirmar que a horas mortas da noite foram despertados por uma voz longínqua que dizia: - “Grande pecador fui eu, rezem por uma alma penada...” E aquele grito lúgubre, tristonho, compassado, rastejava pela planície e ia ecoar mais lugubrememente ainda na encosta. Era medonho aquele gritar consorciado com o silêncio da noite, com o murmurar das águas do Paraíba e o uivar dos cães.

Assim corria o tempo, sempre os mesmos sustos, sempre a mesma crença de que alguma “alma penada” vagava pelo mundo a cumprir o seu fadário.

Já os pescadores não ousavam mais lançar as suas redes no rio, nem se animavam os mais valentes da povoação a sair de casa nas noites fatídicas de sexta-feira; quando chegou ao povoado um célebre tropeiro gaúcho, muito garganta, de nome Virgílio. O gaúcho, assim fala aos portuenses: -“Qual visão, qual nada! Hoje hei de tirar a limpo essa patacoada e mostrar a vocês para que serve um guasca destemido! Vocês são uns bobos...! Onde já viram o diabo? Qual a razão porque voltam os mortos? Confessem que tudo que julgam ver e ouvir não é outra coisa senão o medo em pessoa, tchê...!”

Toda valentia do gaúcho não conseguia extinguir os terrores de que se achava possuída aquela simples e supersticiosa gente e, à medida que a noite se aproximava, mais se infiltrava nos seus ânimos um quer que seja de pavoroso, de fantástico.

Chegou, enfim, a noite que ia desenrolar aos olhos dos portuenses um espetáculo sinistro. O Virgílio “escorvou” a sua espingarda de dois canos e pôs-se à espera do fantasma, resmungando de quando em quando: - “São todos uns guris, uns patifes, tchê...!”

Era sexta-feira. Os habitantes do povoado, de longe, esperavam, espavoridos, trêmulos, mal se conservando em pé, a aparição da “alma penada”. Não tardou, como de costume, lá ao longe, na campina, brilhar uma luzinha que vinha se aproximando pouco a pouco.

O gaúcho não se assustou. Impavidamente se dirigiu para o lugar onde se achava o “fantasma”. Chegando a pouca distância, já pronto a descarregar a espingarda, um estampido se fez ouvir, um lamento surdo seguiu-se e uma faixa elétrica iluminou uma cena desoladora: o infeliz Virgílio revolvía-se semi-morto no pó da estrada. E o “fantasma” deu um grito angustioso e embrenhou-se pela mata.

Levantaram os joseenses do porto, naquele lugar fatídico, uma cruz. E, depois... a capelinha de Santa Cruz citada pelo jornalista Emilio Zaluar. Essa foi a lenda que meu amigo de cabelos brancos, muito branco como a neve, ouviu de seu avô e me contou, lenda essa que transmito às gerações atuais e futuras que lerem este livro.” (JÚNIOR, 1979).

Cabeça-de-Cuia

Cabeça-de-cuia era um rapaz que não obedecia a sua mãe e a maltratava constantemente. Depois de tantos anos de sofrimento com o filho, num momento de desatino, a mãe o amaldiçoou. O moço alto, magro, bonito e de farta cabeleira foi tomado pela força da maldição materna e passou a vagar pelas águas do rio Paraíba do Sul. Enquanto sua pena não for paga, continuará a vagar pelas cheias do rio de águas bravias. De sete em sete anos, ele sai à procura de uma moça por nome Maria para devorar; contam que, às vezes, devora crianças que estejam nadando no rio sem a autorização dos pais. Consta que depois de devorar sete moças a maldição acabará. Por força da palavra maldita, sua mãe também não descansa, viverá enquanto ele estiver nas águas do rio; viverá enquanto a maldição existir.

Por caridade, Paraíba!

João Baptista de Mello e Souza, o cronista do rio Paraíba do Sul, conta que... “chuvas copiosas alagavam o vale do Paraíba em toda sua extensão. O rio, entumecido barrento, avolumava-se de dia para dia, rumorejando mais do que de costume, enovelando-se em redemoinhos, e invadindo as terras marginais. Muitos moradores observavam, com justificada apreensão, o vulto da impetuosa torrente, que já estava causando danos materiais de toda a ordem. As religiosas do orfanato foram avisadas de que as águas do rio começavam a invadir o terreno existente aos fundos, parte integrante do patrimônio do instituto, no qual elas mantinham a horta e o pomar, os serviços de lavanderia e outras dependências da casa. Tal fosse o avanço das águas, os pátios de recreio seriam inundados, e o próprio edifício principal ficaria insulado, daí resultando, certamente, problemas da maior gravidade para a instituição. Chorosas, foram dar a alarmante notícia ao velho sacerdote. Imediatamente Monsenhor João Filipo ergueu-se de sua poltrona, tomou o livro de orações, e, sem atender aos conselhos de prudência que ouvia, encaminhou-se para o local onde a inundação começava a produzir seus lamentáveis estragos. Por felicidade, a chuva amainara, posto que o aspecto do tempo fizesse prever novas e abundantes bátegas, que não tardariam. Em poucos momentos, revelando uma desenvoltura de passos e atitudes de que a idade há muito o privara, o ancião foi ter ao ponto referido, e num relance compreendeu que aqueles receios e temores tinham todo o fundamento.

(...) João Filipo requisitou uma pá, que um dos empregados subalternos prontamente lhe trouxe. De posse do instrumento, foi colher terra de um cômodo próximo, para dispô-la em seguida ao longo do trecho onde se fazia sentir a penetração insólita da água. (...) Notaram, então, que enquanto trabalhava, recusando com o gesto o auxílio dos circunstantes, Monsenhor João Filipo não interrompia suas orações no materno idioma.

(...) Restituiu a pá ao caseiro, e, em seguida, voltando-se para o rio, como quem dirige ansioso apelo a criatura humana e consciente, exclamou:

– *Per carità, Paraíba! Per carità! Caro fiume! Fà correre le tue acque per l'altro margine!*

E acrescentou, num belo gesto de harmonia:

– *Sarà meglio per te... ed anche per noi!*

A chuva recomeçava com violência. João Filipo e os demais voltaram-se a abrigar-se do aguaceiro sob o teto da piedosa mansão. E a enchente do Paraíba se fez sentir em muitos lugares; a margem direita do rio se transformou em extenso igapó, desmoronando ali a correnteza as barrancas que opunham a sua expansão. Mas o nosso Paraíba, generoso e complacente, respeitou a barreira erguida pelo santo velhinho, e foi procurar mais longe a passagem que lhe era forçoso obter para sua torrente impetuosa.” (MELLO e SOUZA, 1951).

Para encerrar



Dizem que uma pesquisa não termina, desiste-se dela.

Costumo não me ater a extremos. Compartilhei e continuei. As histórias continuaram chegando, me chamando, me possibilitando novos amigos e aprendizados. De tudo o que tenho visto, permanecem as pessoas as quais pretendo, ainda, muitas vezes, reencontrar. De tudo que sinto, deixo um recado, não um conselho, apenas um recado: contem e ouçam histórias. Permitam-se este prazer. De tudo que absorvo, dividirei com vocês, pois as pessoas são o que de melhor o mundo tem. Não há tecnologia que sobreviva sem as pessoas, não há ciência que se realize sem as pessoas, não há sentir que valha a pena se não há pessoas. E para as pessoas que guardam, cuidam, preservam, contam as histórias de nossa gente e tantas outras que recebem, acolhem, confiam, desprotegem-se diante desta estranha que lhes solicita, deixo esta minha última visão do ser valeparaibano... Por enquanto, é claro!

Nossa Senhora e a Gambá

Segundo a tradição católica, os presépios foram criados por São Francisco de Assis no século XIII, ele queria representar o Natal de forma realista e num momento em que as representações sobre as questões religiosas não eram permitidas, foi preciso receber autorização papal para montar este cenário que conhecemos até hoje. Encantadas com o cenário, movidas por sentimento religioso, as casas europeias mais ricas encomendavam o cenário e criou-se a tradição de montar presépios luxuosos, muito vistosos, demonstrando toda a opulência da família.



Como toda manifestação que envolva, principalmente, questões religiosas, não é estática, nem pode ser delimitada geograficamente ou economicamente, o costume se tornou popular, reproduzindo-se nos lares comuns e com os recursos possíveis.

Com a colonização europeia, o costume chegou ao Brasil. Os mais antigos presépios produzidos por figureiros do Vale do Paraíba, segundo a tradição, remontam ao século XVII quando foi organizado o Convento de Santa Clara, pelos Franciscanos, em Taubaté.

Os presépios, produzidos por nossos figureiros, eram montados com as tradicionais figuras de São José, Nossa Senhora, o Menino Jesus, os pastores, os Reis Magos, jumentinhos, vaquinhas, o galo e a gambá. De acordo com o pesquisador Ricardo Gomes Lima, autor do livro 'Objetos: percursos e escritas culturais', apesar de a tradição ser menos visível atualmente, a gambá tem uma simbologia muito forte no presépio valeparaibano e não consta que esta manifestação tenha sido tão latente em outras regiões do Brasil como no Vale do Paraíba.

Diz a lenda, que quando Nossa Senhora teve o Menino Jesus, de imediato não teve leite para amamentá-lo. A gambá, que também tinha parido recentemente, veio, generosa, oferecer seu leite para a Divina Criança. O lado humano de Nossa Senhora teve nojo do leite da gambá, não conseguindo imaginar dá-lo de beber ao filho, recusou a gentil oferta. Ao mesmo tempo Nossa Senhora é santa e quis recompensar a atitude de doação daquela mãe. Desde então a gambá não sofre para ter seus filhotes por graça de Nossa Senhora.

A gambá é uma marsupial e seus filhotes saem do útero para completarem a gestação numa bolsa externa, na barriga da mãe.

Consta que antigamente, no Vale do Paraíba, quando uma mulher iria dar a luz, a parteira colocava sobre o ventre da parturiente uma pele de gambá para que ela não sofresse com as dores do parto. Em alguns depoimentos confundese a gambá com a raposa, totalmente compreensível já que no Brasil as espécies de gambá não apresentam apenas as características mais difundidas pela mídia, tendo semelhança com a coloração de algumas raposas e ratos.

A riqueza das manifestações culturais populares está em sua diversidade; outra explicação para a gambá estar entre as figuras do presépio vem do caso contado por Luís Paulo Ragazini, figureiro de São José dos Campos. Segundo ele, quando o Menino Jesus nasceu estava muito frio e escuro, Nossa Senhora já não sabia o que fazer para aquecer o singelo local do nascimento de seu Filho, a gambá teria vindo em auxílio e colocado fogo no próprio rabo para deixar o estábulo mais iluminado e aquecido, por isso o rabo de nossos gambás são mais 'despelados'.

Em ambas as versões, o cerne da presença da figura da gambá nos presépios valeparaibanos é a generosidade.